

EMPREENDEDORISMO NEGRO: EMPREENDER É RESISTIR

LIVIA LEITE SANTIAGO LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

EMPREENDEDORISMO NEGRO: EMPREENDER É RESISTIR

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o empreendedorismo tem ganhado cada vez mais destaque e se tornado uma opção atrativa para muitas pessoas, em grande parte devido às profundas transformações que vêm ocorrendo no mercado de trabalho. Com o avanço da tecnologia, a automação de processos e a mudança nas demandas e preferências dos consumidores, o cenário profissional tem se tornado mais complexo e volátil. Nesse contexto, o empreendedorismo surge como uma alternativa para aqueles que desejam tomar as rédeas de suas carreiras, criar oportunidades e se adaptar de forma ágil às mudanças em curso. De acordo com Pereira Junior et al. (2020), os estudos atuais têm se concentrado em compreender o perfil e a trajetória do empreendedor.

Nesta seara, destaca-se que os donos de negócios que se autodeclararam negros, ao final do segundo semestre do ano de 2022, somavam 52% dos empreendedores no Brasil, constituindo a maioria da força empreendedora, conforme pesquisa mais recente divulgada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), todavia, os empreendedores negros apresentaram rendimento médio 32% inferior ao de empreendedores autodeclarados brancos (SEBRAE, 2022).

Pelos trabalhos já existentes desprende-se que o empreendedorismo negro ascende como forma de superar o desemprego (Nascimento & Colenci Trevelin, 2021) e não como uma alternativa para escolher sua carreira e, por isso, a maior parte desses empreendedores iniciam seu negócio de maneira informal, sem muita estrutura para empreender (Macêdo et al., 2023). O empreendedorismo, nessa conjuntura em que as oportunidades de emprego formal e contrato de trabalho tradicional são limitadas, acaba revelando uma preocupante tendência de precarização e perda dos direitos trabalhistas (Ferraz & Ferraz, 2021).

Os dados da pesquisa SEBRAE (2022) distintos entre empreendedores brancos e negros apontam que, quando as pessoas negras empreendem, a discriminação racial parece continuar existindo, sendo deslocada para os negócios. Isso porque, devido a estrutura da sociedade, é imposto ao rol de empreendedores formado por pessoas de grupos minoritários, obstáculos adicionais para iniciar e expandir um empreendimento, quando contrastados com negócios realizados por grupo social majoritário (Cooney, 2021).

Um trabalho de referência em relação à raça e empreendedorismo é de Davies (2009), no qual discute que os empreendedores negros que ascendem socialmente por meio de seus negócios produzem identidades híbridas, associando elementos do grupo social que passam a pertencer e relacionam a superação da discriminação racial sofrida à ideologia de sucesso. Outro estudo que aborda a temática é de Oliveira et al. (2013), o qual retrata a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008 e destaca que a raça impacta as relações dos empreendedores negros com clientes, funcionários, concorrentes e fornecedores.

Apesar dessas referências, não existem ainda muitos estudos tentando compreender a influência da interseccionalidade da raça dentro do empreendedorismo. Numa busca realizada no Portal da Capes, com o termo “empreendedorismo negro”, obteve-se apenas onze trabalhos relacionados à temática. Deste modo, ainda que, na última década, tem se visto avanços nas pesquisas sobre empreendedorismo negro, pouco se aprofundou nas histórias pessoais e nos contextos individuais desses empreendedores. Essa abordagem limitada impede uma compreensão mais profunda das barreiras enfrentadas e das estratégias de superação utilizadas pelos empreendedores negros.

Assim, existe uma lacuna de pesquisa que precisa ser preenchida para fornecer uma visão mais abrangente sobre as complexidades e potencialidades do empreendedorismo negro.

E em busca de preencher essa brecha, pretende-se responder ao seguinte problema de pesquisa: Como as experiências e trajetórias de vida de empreendedores negros influenciam no desenvolvimento de seus negócios?

O objetivo, portanto, é compreender quais são as dificuldades específicas que empreendedores negros enfrentam em suas jornadas empreendedoras, além de analisar de que maneira as experiências pessoais e as trajetórias de vida desses empreendedores influenciam no desenvolvimento de seus negócios, apesar das adversidades enfrentadas.

Para responder o problema e atingir os objetivos foi adotada uma abordagem qualitativa, escolhida justamente porque permite a experiência de conversar diretamente com os sujeitos que vivem o fenômeno, configurando num método valioso de coleta de dados quando se quer aprofundar sobre as vivências dos sujeitos (Bansal & Corley, 2011). Para coleta de dados foram realizadas seis entrevistas em profundidade com empreendedoras negras, com mais de cinco anos no mercado empreendedor, de quatro estados brasileiros diferentes. As narrativas foram analisadas por meio da Teoria da Codificação, pela qual foram identificados temas, padrões e relações presentes nas informações coletadas (Corbin & Strauss, 1990).

Este estudo torna-se importante porque transgride o discurso de homogeneidade entre todos os empreendedores, contribuindo para reflexões quanto às barreiras enfrentadas pelos empreendedores negros e acrescentando na compreensão da temática elementos de superação que emergem das histórias de vida dessas pessoas. Entender a influência racial por trás do empreendedorismo negro é fundamental para direcionar políticas públicas e de apoio para o crescimento desses negócios.

Os achados da pesquisa apontam que empreendedores negros enfrentam barreiras mais significativas do que empreendedores brancos devido ao histórico socioeconômico vulnerável e ao racismo estrutural. No entanto, suas trajetórias de vida, juntamente com uma rede de apoio, formada por familiares e amigos, promovem uma personalidade resiliente nesses empreendedores. Que somada às experiências profissionais anteriores e ao desenvolvimento de um empreendedorismo autodidata pelos próprios empreendedores negros constituem um background de resistência que permitem às pessoas negras continuarem a empreender, mas sem muitas possibilidades de crescimento. Descobriu-se também que empreendedores negros com negócios que oferecem produtos e serviços com aspectos identitários afro-brasileiro e africano possuem grande senso de responsabilidade social, possuindo ações para além do lucro, conscientes em seu papel de contribuir positivamente para suas comunidades.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Empreendedorismo

A origem do empreendedorismo remonta à França, nos séculos XVII e XVIII, na expressão “entrepreneur”, que significava realizar, fazer, executar (Serafim & Feuerschütte, 2015). Atualmente, o termo é utilizado para representar a tomada de decisão de uma pessoa ou mais pessoas em iniciar seu próprio negócio, que pode ser constituído formalmente ou não (Sabino & Pinheiro, 2022).

Para Barreto (1998), o empreendedorismo é tradicionalmente entendido como um processo em que uma ideia é convertida em uma oportunidade ou também pode representar o aperfeiçoamento de produtos e serviços que já existem. Já para Hisrich e Peters (2004), o destaque principal do empreendedorismo é para o caráter inovador e com valor, atividade na qual o empreendedor deverá dedicar tempo, recursos financeiros, psicológicos e sociais objetivando satisfação pessoal e profissional.

Zen e Fracasso (2008) seguindo nessa linha da inovação, apontam que o empreendedorismo está diretamente relacionado com as revoluções tecnológicas e sociais, sendo um termo dinâmico e multifacetado. E que três marcos históricos influenciaram o empreendedorismo no mundo ocidental: a Revolução Industrial no final do século XVIII, o Fordismo no século XX e o avanço da Tecnologia da Informação, a partir do fim do século XX. Esses contextos propiciaram a evolução e a propagação do empreendedorismo no mundo.

De acordo com as teorias econômicas, o perfil empreendedor está relacionado ao indivíduo que assume riscos e busca inovar, desconsiderando que as questões sociais impactam na economia (Drucker, 1987). Para as teorias comportamentais, o perfil empreendedor é determinado por traços de personalidade e comportamentais (Oliveira et al., 2013). E as teorias críticas apontam que o perfil empreendedor é dependente do ambiente social, sendo influenciado pela economia, política e pelo histórico de vida das pessoas (Santos, 2017).

McClelland (1995) estabeleceu a Teoria Empreendedora, na qual, criou dez características comportamentais do empreendedor, divididas em três categorias de competências pessoais: conjunto de realização, que engloba a busca por oportunidade e iniciativa, persistência, correr riscos calculados, exigência de qualidade e eficiência e comprometimento; conjunto de poder, que agrega as características de independência e autoconfiança e persuasão e rede de contatos; e, por fim, o conjunto de planejamento, que envolve a busca de informações, estabelecimento de metas e planejamento e monitoramento sistemáticos. Essas são as características que um indivíduo empreendedor possui, tendo uma estrutura motivacional diferenciada voltada para a realização de fazer.

Monteiro (2017), por sua vez, aponta algumas características humanas que estão presentes na literatura organizacional importantes para o empreendedor, muito similares às existentes na Teoria Empreendedora, como: confiança em si próprio, autoestima, autorrealização, aproveitar as oportunidades, assumir riscos, ter iniciativa, ser perseverante, capacidade de liderança, dentre outras. Mas ele ressalta que essas características podem ser desenvolvidas conforme as experiências que os empreendedores enfrentarão.

Importante destacar que o empreendedorismo, conforme preleciona Souza Neto (2017), possui grande participação para o desenvolvimento e prosperidade econômica dos países. Os empreendedores identificam oportunidades de mercado e mobilizam os recursos necessários para transformar ideias em realidade. Até mesmo o empreendedorismo que nasce do desemprego, por necessidade, é importante para a economia do país, justamente, por abarcar as pessoas vulneráveis e servir como fonte de renda para a subsistência de muitas famílias. O empreendedorismo negro é marcado pelo empreendedorismo de necessidade, tópico que será abordado a seguir.

2.2 Empreendedorismo Negro

Na área da Administração ainda são incipientes os estudos com a temática racial e, na mesma toada, verifica-se que os negros, independentemente do setor de atuação, são um grupo social minoritário nos espaços organizacionais, tanto do ponto de vista econômico, quanto nas posições de liderança e nos altos níveis hierárquicos (Conceição, 2009), reflexo contundente do racismo que perdura desde a escravidão, só mudando a forma de existir. Nesse sentido, Santos e Scopinho (2015), “durante os cinco séculos de Brasil, o racismo se instaurou, se reinventou, se camuflou, se metamorfoseou e sobreviveu” (p. 179).

As heranças coloniais deixaram marcas incuráveis na vida das pessoas negras, tanto no Brasil quanto no mundo, devido a construção histórica e cultural da escravidão, a qual determinava que o fenótipo e a cultura negra fossem inferiores aos dos brancos,

permanecendo o veneno na sociedade atual (Fanon, 2008). Todavia, as discussões sobre as relações sociais no Brasil por muito tempo foram invisibilizadas em decorrência do mito da democracia racial, queriam dizer que pelo Brasil ser um país miscigenado, não havia racismo (Nascimento et al., 2015).

Justamente por ser um país marcado pela escravidão, tendo durado quase quatrocentos anos, o racismo é estrutural na sociedade brasileira. Almeida (2018) afirma que o racismo se caracteriza por estabelecer “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem” (p.25). Ou seja, o racismo perpassa nefastamente por todas as relações sociais.

Nogueira e Mick (2013) afirmam que “o racismo estrutural é o principal obstáculo a ser superado para romper as barreiras que separam negros e brancos, quando verificamos os indicadores socioeconômicos” (p.116). A população negra, deste modo, é mais vulnerável e pobre, que além de ser discriminada, ainda sofre com a falta de acesso a serviços básicos, como saúde e educação, vivendo em condições, muitas vezes, precárias, nas periferias urbanas (Martins & Santos, 2013).

Para Moura (2019), o racismo estrutural acarreta não só o comprometimento ao acesso às oportunidades, à escolarização, mas também na dificuldade de uma identidade positiva entre a população negra, aumentando a marginalização econômica, os estereótipos negativos e a exclusão social.

O empreendedorismo negro no Brasil remonta a essas dificuldades e como, às vezes, única alternativa de sobrevivência de várias famílias negras. Segundo Arman (2015), o empreendedorismo negro tem raiz após a abolição da escravidão quando a população negra recém liberta só tinha como sobreviver do seu “próprio negócio”, assim, o empreendedorismo não seria “um fenômeno de emancipação econômica, mas uma alternativa para garantir o sustento próprio e de suas famílias por meio de serviços de culinária, costura e lavagem de roupas” (p. 68). Deste modo, o empreendedorismo negro no Brasil está associado como estratégia de sobrevivência ou de inserção social.

Balog e Zouain (2022) afirmam que o Brasil é um país que já apresenta dificuldades para o empreendedorismo, como falta de investimentos, falta de capacitação, burocracia em excesso para abertura de negócios, tributação excessiva, mas quando se fala em grupos minoritários essas dificuldades são ainda mais significativas. A condição étnica dos empreendedores negros passa a fazer parte da lógica de mercado e essas pessoas para além de enfrentarem as barreiras inerentes a qualquer empreendimento no sistema capitalista, abarcam também as dificuldades de natureza étnico-raciais (Almeida, 2013).

Paixão (2003) dispõe que o empreendedor negro, ainda que seja o dono do negócio, possui obstáculos étnico-raciais que atravessam as relações com fornecedores, clientes e concorrentes. E, devido a todas essas barreiras, a taxa de sucesso de um empreendimento negro é bem menor do que a de um empreendedor branco, sendo explicada, às vezes, pela necessidade do uso de bens e recursos financeiros próprios (Bewaji et al., 2015), pela pouca experiência empresarial ou falta de uma experiência qualificada (Scarborough & Zimmerer, 2005), dentre outros fatores marcados pelas questões raciais direta ou indiretamente que impedem o desenvolvimento do negócio.

Importante destacar que os empreendedores negros apresentam valor social, econômico e estratégico fundamental para o desenvolvimento do Brasil (Monteiro, 2013), eis que o empreendedorismo é uma estratégia para fomentar o progresso da comunidade negra, envolvendo a expansão das perspectivas de emprego e o fortalecimento da autoconfiança dessa parcela da sociedade, que historicamente teve sua contribuição laboral e intelectual subestimada. E, conforme determina Conceição (2009), a resistência das minorias sempre será a opção para subverter a ordem socialmente estabelecida.

3 METODOLOGIA

A abordagem qualitativa foi escolhida para compreender profundamente as dificuldades que os empreendedores negros possuem para o desenvolvimento de seus negócios, bem como entender como suas vivências influenciam para prosseguirem no empreendedorismo.

Para isso, foram realizadas 06 (seis) entrevistas com empreendedoras negras, sendo 03 (três) empreendedoras do estado do Espírito Santo, 01 (uma) de São Paulo, 01 (uma) de Minas Gerais e 01 (uma) do Rio de Janeiro, com idades entre 26 (vinte e seis) a 62 (sessenta e dois) anos. Quanto à escolaridade, duas participantes possuem ensino médio completo, duas são graduadas no ensino superior e duas estão cursando pós-graduação, além de todas estarem inseridas no empreendedorismo há mais de cinco anos, conforme tabela 1.

Dentre os seis empreendimentos das entrevistadas, ressalta-se que três são negócios afrocentrados, ou seja, “oferecem produtos e serviços com aspectos identitários afro-brasileiro e africano voltados, principalmente, para consumidores negros” (Nascimento, 2018, p. 2) e, apenas três das seis entrevistadas possuem como única forma de sustento o empreendedorismo, as demais possuem outras fontes de composição de renda.

Tabela 1
Dados Sociodemográficos das Entrevistadas

Entrevistada	Sexo	Idade	Escolaridade	Tempo de Empreendimento	Ramo do Empreendimento	Possui outra renda
1	Feminino	33	Pós-graduada	6 anos	Alimentício e Sociocultural	Não
2	Feminino	33	Ensino médio	7 anos	Alimentício	Não
3	Feminino	33	Ensino médio	6 anos	Beleza	Não
4	Feminino	26	Graduação	5 anos	Beleza	Sim
5	Feminino	27	Pós-Graduação em andamento	6 anos	Fotográfico e Acessórios	Sim
6	Feminino	62	Graduação	16 anos	Costura	Sim

Os critérios para participar da pesquisa eram ser empreendedor e pessoa autodeclarada racialmente como preta ou parda, pois de acordo com o Art. 1º, IV, do Estatuto da Igualdade Racial, entende-se, como população negra, o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga (BRASIL, 2010).

Inicialmente, para a seleção dos participantes da pesquisa foi utilizada a rede de contatos da pesquisadora, a qual já conhecia duas dentre as seis entrevistadas. Além da rede de contatos, posteriormente, foi feito uso do aplicativo Instagram para busca de empreendimentos que fossem propriedades de pessoas negras. A partir da escolha dos sujeitos, estabeleceu-se o diálogo, através do aplicativo de conversas WhatsApp, informando-os do estudo, bem como descrevendo os objetivos e os critérios para inclusão na pesquisa, com o intuito de convidá-los como participantes.

Os empreendedores que aceitaram participar da pesquisa o fizeram por meio de um termo virtual de consentimento, a fim de que dessem o aval para prosseguir com o procedimento metodológico. Este termo consiste num documento, no qual o participante manifesta o consentimento livre e esclarecido em colaborar de forma voluntária, sem pagamentos de qualquer ordem, estando liberado para deixar a pesquisa se for de sua vontade e autoriza a divulgação dos dados obtidos.

O roteiro de entrevista utilizado foi semiestruturado, composto por 24 (vinte e quatro) perguntas, além do preenchimento do perfil sociodemográfico referente ao nome, idade, gênero, autodeclaração racial e escolaridade do entrevistado. A composição das

perguntas seguiu a orientação de Spradley (1979), contendo perguntas descritivas, estruturais e de contraste, na tentativa de abarcar a totalidade do entendimento do fenômeno.

Deste modo, o roteiro foi dividido em três principais blocos, objetivando: (1) conhecer a trajetória de vida (pessoal e profissional) do participante; (2) enxergar as dificuldades encontradas para o desenvolvimento e crescimento do empreendedorismo; (3) perceber como se dá o enfrentamento dessas dificuldades a partir das vivências e trajetórias de cada um. Ressalta-se que o roteiro de entrevista não sofreu nenhuma alteração durante a condução das seis entrevistas.

A coleta de dados para esta pesquisa, propriamente dita, foi conduzida toda de forma online, também por meio do aplicativo WhatsApp, em função da indisponibilidade das participantes para agendamento de entrevista presencial ou por outra plataforma digital síncrona.

Todas as entrevistas foram realizadas durante o mês de maio do ano de 2023, quando as participantes foram questionadas pergunta a pergunta do roteiro ou receberam blocos de perguntas, conforme a possibilidade de cada uma. As respostas foram enviadas por mensagem de voz, formato em que a entrevista já fica gravada automaticamente no aparelho celular da pesquisadora.

Em média, tem-se a duração de quarenta minutos como somatória do tempo das mensagens de vozes recebidas como respostas das participantes a todas as perguntas do roteiro. Por fim, os dados coletados foram transcritos pela pesquisadora a partir da oitiva dos áudios e também pelo auxílio do chatbot de inteligência artificial denominado ViraTexto.

Os dados foram analisados a partir da Teoria da Codificação. A codificação refere-se ao processo de categorização e organização dos dados qualitativos, através da identificação de temas, padrões e relações presentes nas informações coletadas, constituindo num processo analítico fundamental a ser usado pelo pesquisador (Glaser & Strauss, 2006). Logo, a técnica de análise escolhida permitiu explorar, refletir e compreender como as experiências e trajetórias de vida dos empreendedores negros influenciaram no desenvolvimento de seus negócios.

As etapas de análise de dados realizadas foram baseadas em Corbin e Strauss (1990): (a) leitura atenta dos dados; (b) codificação aberta; (c) codificação axial; (d) codificação seletiva. A utilização da codificação, deste modo, torna-se uma ferramenta valiosa para analisar e interpretar os dados coletados a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas com as seis empreendedoras negras, participantes do presente estudo.

Estabeleceu-se sete categorias que conseguiram abarcar o estudo em profundidade, sendo possível compreender a influência das experiências e trajetórias de vida no empreendedorismo negro: Histórico socioeconômico de vida vulnerável, Barreiras, Resiliência compulsória, Rede de apoio interna, Bagagem profissional, Empreendedorismo autodidata e Responsabilidade social, que serão analisadas na seção a seguir.

Tabela 2
Categorias e temas

Categorias	Temas
Histórico socioeconômico de vida vulnerável	Residências periféricas, dificuldades em estudar, subempregos
Barreiras	Racismo estrutural, falta de financiamento, falta de capacitação
Resiliência Compulsória	Persistência, enfrentamento das adversidades
Rede de apoio interna	Apoio de familiares e amigos

Bagagem profissional	Experiências de outros trabalhos
Empreendedorismo autodidata	Empreender com o que se sabe fazer, autocapacitação
Responsabilidade social	Retorno social para a comunidade

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Verificou-se ser possível dividir essa seção em três partes em função dos achados da pesquisa, deste modo, primeiramente, analisaremos as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores negros no desenvolvimento de seus negócios, após, ressaltaremos os pilares de superação para continuarem a empreender e, por fim, o resultado encontrado de que os empreendedores negros buscaram atrelar responsabilidade social para além do lucro em seus negócios.

4.1 Dificuldades do empreendedor negro

Constatou-se a partir da pesquisa que as dificuldades encontradas pelos empreendedores negros são mais significativas do que as sofridas por empreendedores brancos em função do racismo estrutural e de uma trajetória de vida difícil, para além das barreiras encontradas no próprio ato de empreender em si. Oliveira et al. (2013) já afirmava que as relações étnico-raciais no Brasil representam mais uma barreira para os empreendedores negros.

Todas as entrevistadas possuem um histórico de vida muito vulnerável, com origens periféricas, começando a trabalhar desde novas e terem tido dificuldades para estudar, uma vez que tinham que trabalhar concomitantemente. Por isso, algumas concluíram apenas o ensino médio e as demais retomaram os estudos depois de adultas, momento em que conseguiram cursar uma graduação. Observa-se esse histórico vulnerável através de seus relatos:

Eu trabalho desde meus 14 anos de idade, informal, tomando conta de criança (Entrevistada 1).

Eu nasci em Vitória mesmo, nascida na região periférica de Vitória, sempre morei em regiões periféricas, principalmente aqui no território do bem (Entrevistada 5).

Nossa casa na infância, era uma casa muito simples, a gente não tinha alimentação adequada, não tinha banheiro, muita pobreza (Entrevistada 6).

[...] tive muita dificuldade para conseguir ingressar dentro da faculdade, porque na época ou trabalhava ou estudava (Entrevistada 1).

Nesse sentido, retoma-se à discussão que à população negra foi negada o acesso à educação, pois, conforme fala de Silva et al. (2005), “quando relemos as críticas lançadas à atual situação educacional dos negros brasileiros, encontramos dois eixos sobre os quais elas foram estruturadas: exclusão e abandono” (p.150).

Outra barreira evidente na trajetória de vida dos empreendedores negros é o racismo estrutural, que se manifesta por meio da discriminação no acesso aos espaços, nas oportunidades limitadas e estereótipos negativos. Os empreendedores negros não conseguem acessar determinados lugares, muitas vezes, não possuindo poder de escolha em suas próprias vidas, devendo percorrer o caminho que lhes foi dado como único possível para alguém

negro. Esses achados são encontrados de forma contundente nas falas, falta de acessos e oportunidades, conforme dispuseram as entrevistadas 1 e 5, e os estereótipos e discriminação relatados pela entrevistada 3, respectivamente:

Se eu não fosse uma pessoa negra, uma pessoa negra não retinta, pois sou uma negra retinta, os desafios seriam menores. Eu vejo por que na época que eu comecei com o porta a porta, tinha uma moça que também na época iniciou junto comigo, porém essa moça é hoje uma das maiores doceiras do estado e a gente vê que os acessos são diferentes, os acessos, as oportunidades são extremamente diferentes e não chegam a todos os nossos corpos (Entrevistada 1).

A gente não está sempre em lugares privilegiados, apesar de como eu falei, hoje eu tenho uma rede, sei escolher, sei ser estratégica, mas eu acho que estruturalmente pessoas pretas, especialmente mulheres, elas alcançam muito menos do que homens brancos, trabalhando no meio do empreendedorismo e da inovação, eu percebo isso, vendo as startups, os empreendimentos, como que a maioria ainda é dominada por homens brancos (Entrevistada 5).

Quando eu aluguei a sala, eu aluguei uma sala num bairro melhor, (...), sabe, que as pessoas têm a casa mais bonita, os carros na garagem, enfim. E aí eu senti discriminação, porque era um salão de noiva e eu aluguei a sala nesse salão. Quando as pessoas chegavam e viam a minha sala assim num canto, com a cadeira e muitas coisas afro, é, eu senti assim um olhar diferente (Entrevistada 3).

Os depoimentos acima, segundo Kilomba (2019), retrata o não lugar dos negros, seja nas academias, ambientes de formação empresarial, econômica e universidades, como um dos pilares do racismo estrutural. Ao negro não é dada a oportunidade de escolher e de pertencer. Ademais, a imagem social de pessoas negras e os estereótipos impedem que um empreendedor negro seja visto como empreendedor de sucesso (Monteiro, 2017).

Para além do contexto de vida vulnerável e do racismo estrutural, os empreendedores negros enfrentam as dificuldades inerentes à atividade de empreender, como falta de capital inicial e falta de capacitação voltada para o negócio a ser concretizado, que indiretamente também são questões afetadas pela raça.

Eu não tive nenhum financiamento ou apoio financeiro para desenvolver o meu negócio (Entrevistada 2).

Nunca me especializei, nunca fiz um curso (Entrevistada 6).

Jackson (2020) aponta que empreendedores negros, geralmente, possuem menos acesso aos recursos financeiros para começarem seus negócios do que empreendedores brancos, o que já coloca o empreendedorismo negro numa posição de dificuldade para prosperar.

4.2 Pilares de superação

Os achados da pesquisa evidenciaram que os empreendedores negros constituem um background de resistência a partir das suas trajetórias de vida e experiências que os ajudam a superar as dificuldades para permanecerem empreendendo. Esses pilares são formados por: uma personalidade resiliente, rede de apoio de familiares e amigos, experiências profissionais anteriores e um empreendedorismo autodidata que eles mesmos desenvolvem.

Todas as dificuldades enfrentadas em suas vidas fazem com que as pessoas negras desenvolvam obrigatoriamente uma personalidade resiliente para superá-las. Esse traço da personalidade é fundamental para lidar com as adversidades que aparecem no caminho do

empreendedorismo (Monteiro, 2017). A fala abaixo representa como a resiliência aparece na vida dessas pessoas:

[...] minha trajetória de vida de ser persistente, de não desistir, não é que pra mim nada foi fácil, é que realmente é muito complicado você viver longe da sua família, você passar muitas vezes, assim, por muitas questões ruins sem ter um apoio emocional, porque todo mundo precisa, então, a gente vai ficando mais forte, mais esperto, mais capaz de resolver os problemas, porque a gente sabe que ninguém vai resolver pela gente (Entrevistada 2).

A resiliência permite que os empreendedores se recuperem rapidamente diante de contratempos, aprendam com as experiências e encontrem soluções criativas para os problemas que surgem. Além disso, na insegurança inerente ao empreendedorismo, a capacidade de se adaptar às mudanças e se manter resiliente diante de incertezas é crucial para a sobrevivência e o crescimento dos empreendimentos.

Outro pilar de superação encontrado nos achados da pesquisa é que os empreendedores negros se sustentam em uma rede de apoio interna, formada pelos familiares e amigos. Os empreendedores negros conseguem primeiramente apoio emocional, orientação e recursos por meio de pessoas próximas e não de segmentos externos, como bancos e mentores.

A rede de apoio que eu tive pra poder iniciar nessa área da estética de beleza foi mais apoio familiar mesmo, foi o apoio da minha mãe, do meu pai, do meu irmão, do pai do meu filho, praticamente eles foram as pessoas que me incentivaram e principalmente também de uma prima minha que possui um salão de beleza, então, eu comecei a atender muito também no espaço dela (Entrevistada 4).

Posso falar apenas de uma grande amiga minha, que morava aqui no Rio e gostava muito do meu trabalho e me deu a maior força, viu o meu interesse que queria muito uma máquina industrial, e me deu de presente metade do valor da máquina (Entrevistada 6).

Também foi identificado que empreendedores negros utilizam a bagagem profissional de outros trabalhos no desenvolvimento de seus negócios, através de experiências que já viveram que ajudam a lidar com as dificuldades, consoante o relato da Entrevistada 2 abaixo, que aprendeu a lidar com o público no seu estágio, característica importante para o empreendedorismo.

Acho que o que pode ter ajudado no empreendedorismo é mais a experiência em trabalhos mesmo, né, lidar com público, porque, como todos os dias, eu tenho clientes diferentes, não é fácil, né, a gente lidar com o público, é necessário ter muita paciência, saber desviar de algumas situações desconfortáveis, né? De uma maneira que não vai ofender o cliente e de que vai ficar tudo bem. Então, é mais a experiência de trabalho mesmo que, por exemplo, no meu estágio, eu trabalhava com o público, né? E aí eu fui aprendendo assim bastante coisa e consigo usar isso no meu empreendedorismo (Entrevistada 2).

O último pilar de superação constatado nos dados para que os empreendedores negros consigam empreender é o que se denominou de “empreendedorismo autodidata”, o qual seria o desenvolvimento de habilidades e a busca de conhecimentos por conta própria, uma vez que não conseguem realizar capacitações direcionadas ao empreendimento.

Esses empreendedores iniciam suas jornadas a partir de atividades que já sabiam realizar, até mesmo sendo descobertos por amigos, como foi o caso da Entrevistada 3 ou, sem pretensão comercial inicial, como a Entrevistada 6.

Eu trabalhava numa empresa de telemarketing e aí uma amiga minha me induziu, né. Eu comecei a fazer o cabelo dela e aí ela gostou e ela mesmo começou a passar para as amigas dela, tias dela. E aí eu comecei a fazer com uma amiga dela, uma tia, aí quando eu fui ver, eu já estava trabalhando nessa área, não fiz curso (Entrevistada 3).

Já tinha esse dom de costura, por conta da minha mãe, que costurava. Ela se foi em 2007. Eu tinha trazido uma máquina que eu tinha dado para ela, primeira máquina elétrica, eu trouxe para o Rio, né, aí comecei a fazer, comecei a fazer como hobby mesmo, uns panos de prato, umas sacolinhas, coisa simples mesmo, nunca fiz curso (Entrevistada 6).

Santos (2017) afirma que o empreendedor negro, a sua forma, a partir de suas percepções e histórias de vida, identifica uma oportunidade para abrir o seu negócio e resistir por seus espaços. Sendo assim, a oportunidade surge a partir do já saber-fazer de cada pessoa negra, o qual vira um empreendimento posteriormente.

4.3 Muito mais que lucro

Por fim, constatou-se que a responsabilidade social surge como uma dimensão importante para além do lucro em relação aos empreendedores negros que possuem negócios afrocentrados, ou seja, negócios de pessoas negras voltados para produtos étnico-raciais, principalmente para consumidores negros. Esses empreendedores negros frequentemente têm a preocupação em contribuir para suas comunidades e promover mudanças sociais positivas.

A responsabilidade social aparece como um braço das suas ações empreendedoras, buscando não apenas o sucesso pessoal, mas também a transformação social. Eles estão conscientes de seu papel na promoção da igualdade de oportunidades e na criação de negócios que contribuam positivamente para suas comunidades. Dolabela (1999) determina que o empreendedorismo deve ser direcionado para o desenvolvimento social, para além do enriquecimento pessoal, intenções constantes nas falas a seguir.

A minha empresa tem esse lado social, as pessoas que são contratadas por mim para prestarem serviço são pessoas da minha comunidade, onde eu faço o retorno de fazer o capital local girar. Elas ajudam no preparo, entrega e parcerias (Entrevistada 1).

Agora que eu tô na favela, né, na comunidade, eu fiz questão de abrir o meu espaço também aqui e colocar um valor abaixo do centro, justamente pra ser mais acessível para as outras pessoas. Eu sempre faço algum tipo de premiação ou de curso. E aí no curso sempre tem aquelas clientes que eu já sei que é mais carente, aí eu chamo para serem modelos, para estar sempre com cabelo arrumado (Entrevistada 3).

Os relatos acima condizem com a posição de Monteiro (2013), na qual os negócios não devem apenas visar lucro, mas também difundir valores sociais. Ademais, para Silveira (2021), ainda que os negócios inicialmente não tenham o propósito social, o poder da representatividade dos empreendedores negros mostrou ser importante para o desenvolvimento de autoestima e de pertencimento das pessoas negras.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que o empreendedorismo negro é um empreendedorismo de resistência, no sentido de que, mesmo com barreiras superiores à de empreendedores brancos no desenvolvimento de seus negócios, por sofrerem com o racismo estrutural e um contexto de vida vulnerável, as pessoas negras resistem e continuam a empreender em função do background resiliente formado por suas experiências e trajetórias de vida. Até mesmo as três empreendedoras que não sobrevivem financeiramente apenas da atividade empreendedora

continuam a resistir e buscam obter sucesso com seus negócios. Para Balog & Zouain (2022), a resistência é um caminho de luta e de quebra das barreiras invisíveis e visíveis do racismo estrutural.

Para além do lucro, empreendedores negros que possuem negócios afrocentrados agregam uma responsabilidade social em seus empreendimentos, preocupados em proporcionar algum retorno à comunidade que vivem, principalmente, afetando positivamente outras pessoas negras.

Figura 1. Esquema resumo dos achados da pesquisa



Esse estudo sobre as barreiras e os pilares de superação de empreendedores negros a partir de suas trajetórias de vida oferece uma contribuição significativa para a compreensão das desigualdades e desafios enfrentados por esse grupo específico na busca pelo empreendedorismo. Contribui para o fortalecimento do debate sobre a igualdade de oportunidades e para o desenvolvimento de políticas e programas que promovam a inclusão e a diversidade no empreendedorismo, possibilitando um ambiente mais equitativo e propício ao sucesso dos empreendedores negros.

Pesquisas futuras podem explorar negócios de sucesso de empreendedores negros, comparando o histórico de vida e experiências, apontando diferenças e similaridades em relação a empreendimentos de pessoas negras que resistem sem muitas possibilidades de crescimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. S. M. (2013). Consumo e identidade: a produção para o consumo a partir dos insights dos empresários negros. In J. C. Nogueira (Org.), *Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21* (pp. 241-274). Florianópolis: Atilênde.
- Almeida, S. (2018). *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte: Letramento.
- Arman, A. P. (2015). Empreendedorismo entre mulheres negras na cidade de São Paulo. *RAU - Revista de Administração do UNISAL*, 5(8), 64-82.
- Balog, D. L. T., & Zouain, D. M. (2022). Mulheres empreendedoras sociais pretas no Rio: impactos pós-pandemia. Trabalho apresentado no XLVI Encontro da ANPAD - EnANPAD 2022, On-line, 21-23 de set de 2022.
- Bansal, P., & Corley, K. (2011). The Coming of Age for Qualitative Research: Embracing the Diversity of Qualitative Methods. *Academy of Management Journal*, 54(2), 233–237.

- Barreto, L. P. (1998). Educação para o empreendedorismo. *Educação Brasileira*, 20(41), 179-197.
- Bewaji, T., Yang, Q., & Han, Y. (2015). Funding accessibility for minority entrepreneurs: An empirical analysis. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 22(4), 716-733.
- Brasil. (2010). Lei 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Presidência da República.
- Conceição, E. B. (2009). A Negação da Raça nos Estudos Organizacionais. In *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*. São Paulo: ANPAD.
- Cooney, T. M. (2021). Minority Entrepreneurship: Setting the Context. In T. M. Cooney (Ed.), *The Palgrave Handbook of Minority Entrepreneurship* (pp. 3-20). Springer.
- Corbin, J., & Strauss, A. (1990). Grounded Theory Research: Procedures, Canons, and Evaluative Criteria. *Qualitative Sociology*, 13(1), 3-21.
- Davies, F. A. (2009). Identidades de sucesso: breve reflexão sobre os empresários negros brasileiros. *Plural*, 16(2), 75-94.
- Dolabela, F. (1999). *Oficina do Empreendedor*. (6ª ed.). São Paulo: Cultura.
- Drucker, P. F. (1987). *Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios*. São Paulo: Pioneira.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. da Silveira, Trad.). Salvador: Ed. EDUFBA.
- Ferraz, J. de M., & Ferraz, D. L. (2021). Do espírito do capitalismo ao espírito empreendedor: a consolidação das ideias acerca da prática empreendedora numa abordagem histórico-materialista. *Cadernos EBAPE*, 19(2), e83811.
- Glaser, B. G.; Strauss, A. (2006). *The Discovery of Grounded Theory: Strategy for Qualitative Research*. New Burnswick, London: Aldine.
- Hisrich, R., & Peters, M. (2004). *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman.
- Jackson, T. M. (2020). We have to leverage those relationships: How Black women business owners respond to limited social capital. *Sociological Spectrum*, 1-18.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. (J. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Cobogó.
- Macêdo, N. E. de, Alves, R. A., & Campos, G. (2023). EMPREENDEDORISMO NEGRO: Perfil dos empreendedores autodeclarados negros em dois municípios mineiros. *Revista De Empreendedorismo E Gestão De Micro E Pequenas Empresas*, 8(01), 37-65.
- Martins, J. C. B., & Santos, A. (2013). Um marco para a construção de uma política nacional para os empreendedores afro-brasileiros. In J. C. Nogueira (Org.), *Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21* (pp. 17-26). Florianópolis: Atilênde.

- McClelland, D. C. (1965). Achievement and entrepreneurship: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1(4), 389.
- Monteiro, J. (2013). A formação e a ação coletiva do empresariado afro-brasileiro: processos e desafios. In J. C. Nogueira (Org.), *Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21* (pp. 61-96). Florianópolis: Atilênde.
- Monteiro, J. A. (2017). *O Empresário Negro: Trajetórias de Sucesso em Busca da Afirmação Social* (2ª ed.). Porto Alegre: Simplíssimo.
- Moura, C. (2019). *Sociologia do negro brasileiro* (2ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Nascimento, M. C. R., et al. (2015). Com que Cor Eu Vou pro Shopping que Você me Convidou? *Revista de Administração Contemporânea*, 19(3ª Edição Especial), art. 1, 245-268.
- Nascimento, R. H. do, & Colenci Trevelin, A. T. (2021). A valorização do negro: um olhar sobre o afroempreendedorismo em São Carlos/SP. *Revista Interface Tecnológica*, 18(1), 206–218.
- Nogueira, J. C., & Mick, J. (2013). Desenvolvimento, empreendedorismo e promoção da igualdade racial. In J. C. Nogueira (Org.), *Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21* (pp. 97-122). Florianópolis: Atilênde.
- Oliveira, J. S., Pereira, J. A., & Souza, M. C. D. (2013). Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. *Contextus*, 11(2), 7-30.
- Paixão, M. J. P. (2003). Destino manifesto: estudo sobre o perfil familiar, social e econômico dos empreendedores/as afro-brasileiros/as dos anos 1990. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
- Pereira Junior, E. F. Z. D'Avila, L. C., Amaro, R. D. A., Cruz, A. P. C. D., & Ribeiro, N. F. (2020). Background do empreendedor: caracterização da publicação mundial. In *Anais do XVII Congresso Virtual de Administração – CONVIBRA* (pp. 1-19).
- Sabino, G. de F. T., & Pinheiro, D. C. (2022). Empreendedorismo negro brasileiro: tensões e limites à luz da inclusão econômica e social. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 7(Número especial), 39-55.
- Santos, E. F., & Scopinho, R. A. (2015). A questão étnico-racial no Brasil contemporâneo: notas sobre a contribuição da teoria das representações sociais. *Psicologia e Saber Social*, 4(2), 168-182.
- Santos, E. L. S. (2017). *Relações raciais e empreendedorismo: um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.
- Scarborough, N. M., & Zimmerer, T. W. (2005). *Essentials of Entrepreneurship and Small Business Management* (4th ed.). New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- SEBRAE. (2022). Empreendedorismo por Raça-cor (e sexo): Dados do terceiro trimestre de 2022. Recuperado de <https://static.poder360.com.br/2023/02/Empreendedorismo-Raca-cor->

Sexo-sebrae-2-trimestre-2022.pdf

Serafim, M., & Feuerschütte, S. G. (2015). Movido pelo transcendente: a religiosidade como estímulo ao “espírito empreendedor”. *Cadernos EBAPE.BR*, 13(1), 165-182.

Silva, P. B. G., & Gonçalves, L. A. (2005). *Movimento Negro e Educação. Educação como exercício de diversidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd. (Coleção educação para todos; 6).

Silveira, I. L. (2021, novembro). *Desafios dos afroempreendedores na gestão de negócios no Rio de Janeiro*. Trabalho apresentado no semead.

Souza Neto, B. de. (2017). *Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro: o empreendedorismo de necessidade do “virador”* (2ª ed.). São Paulo: Blucher.

Spradley, J. P. (1979). *The Ethnographic Interview*. Belmont, CA: Wadsworth Group & Thomson Learning.

Zen, A. C., & Fracasso, E. M. (2008). Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. *RAM - Revista de Administração Mackenzie*, 9(8), 135-150.